

“Seria preferível taxar estes lucros estratosféricos e canalizá-los para investigação”. Parte II - A crítica ao turismo espacial



Richard Branson, fundador da Virgin Galactic, uma das empresas que está na frente do turismo espacial.

Seja porque as tecnologias utilizadas não são propriamente “novas ou revolucionárias”, seja porque a sociedade ganhava mais se os lucros dos protagonistas das viagens ao espaço fossem

taxados como os das pessoas normais (já para não falar do impacto ambiental), o turismo espacial “talvez não deva ser uma prioridade”. “Ir ao espaço é uma necessidade de sobrevivência, mas não com este propósito”

1 SETEMBRO 2021 21:48



Helena Bento

Jornalista

Assim que voltou à Terra, depois da ida ao espaço, Jeff Bezos, fundador da Amazon e da Blue Origin, podia ter dito várias coisas, mas acabou por escolher as frases que viriam a tornar-se mais polémicas. “Queria agradecer a todos os trabalhadores da Amazon e a todos os clientes da Amazon, foram vocês que pagaram por tudo isto. A sério, a cada trabalhador e cliente da Amazon, agradeço-vos do fundo do meu coração”. A resposta não se fez tardar, e não foi bonita, como seria de esperar. “Parece que foi um grande momento para o Jeff [Bezos]. Nós não ganhámos nada com isso. Acho que [o Jeff Bezos] fez esses comentários porque tem consciência pesada, ele sabe que é errado fazer dinheiro tratando os trabalhadores como escravos”, afirmou um dos trabalhadores da empresa norte-americana de comércio eletrónico ao “Business Insider”. É caso para dizer, como já antes dissemos: estes milionários nem deles próprios são amigos.

As afirmações de Bezos tornaram-se muito polémicas “justamente”, começa por dizer Ricardo Paes Mamede, economista e professor no ISCTE (Instituto Universitário de Lisboa), especialista em áreas como o ambiente e a inovação. “São muito chocantes e revelam a enorme desigualdade na distribuição de rendimentos de uma empresa como aquela.” Além disso, acrescenta, “vêm acompanhadas de uma falta de bom senso por parte da pessoa que a lidera.” É chocante desse ponto de vista, e não pode deixar de suscitar questões éticas e alertar para o extremo a que chegámos do ponto de vista da desigualdade de rendimentos a nível internacional.”

O problema, para o economista, nem é exatamente o de se gastar muito dinheiro na exploração e no turismo espacial quando há enormes problemas por resolver a nível mundial. “Essas questões também se colocaram quando estavam em causa programas públicos de exploração espacial. O programa da ida à Lua, conduzido pela NASA nos anos 1960, também implicou grandes recursos públicos e aconteceu num momento em que havia uma consciência crescente das desigualdades de rendimentos nos EUA.” Foi “muito criticado” desse ponto de vista e “muito defendido do ponto de vista político”, seguindo a lógica de que “grande parte dos investimentos são desenvolvidos no quadro de instituições públicas e servem para financiar atividades de investigação e desenvolvimento.” Isto faz toda a diferença, defende, “porque se assume que o conhecimento que está a ser gerado será partilhado pela sociedade e vai permitir resolver muitos outros problemas”, do ponto de vista económico, com a abertura de novas oportunidades de negócio, mas também “em domínios como os da computação, ciências dos materiais, telecomunicações, robotização, miniaturização”.

“Tenho as maiores dúvidas de que haja nas tecnologias que estão a ser utilizadas nas viagens ao espaço algo de significativamente novo, de revolucionário. O que a experiência nos mostra é que tipicamente os atores privados, que são movidos pelo lucro, tendem a fazer pouca inovação disruptiva.”

Mas não é isso que vê aqui, nestas iniciativas de empresas privadas lideradas por milionários. “Tenho as maiores dúvidas de que haja nas tecnologias que estão a ser utilizadas nas viagens ao espaço algo de significativamente novo, de revolucionário. O que a experiência nos mostra é que tipicamente os atores privados, que são movidos pelo lucro, tendem a fazer pouca inovação disruptiva. Essencialmente, tendem a reutilizar o conhecimento produzido noutros lados. E isto aplica-se a praticamente todas as áreas”. A única coisa que aqui vê, continua, “é um modelo de negócio e muito marketing”. “Pode ser que a História demonstre que estou errado e que com base nestas viagens se descobriu muita coisa. Enquanto isso não acontecer, estamos simplesmente a falar de 'wishful thinking’”.

TURISMO ESPACIAL EM TROCA DE QUÊ?

Além de questionar o contributo destas empresas de exploração espacial e destes milionários para o desenvolvimento científico tecnológico, é importante discuti-las do ponto de vista do seu retorno social, defende. Há uma pergunta que faz e que deve ser mais vezes feita: “Será assim tão desejável para o bem-estar da sociedade que haja uma oferta de vários modelos de negócios para a exploração espacial?” Para “uma ínfima minoria de pessoas que têm dinheiro para pagar as viagens, vai trazer bem-estar seguramente”. “Se o objetivo disto é um modelo de negócio que oferece viagens de luxo a quem jorra dinheiro por todos os

lados, essas pessoas seguramente vão ter experiências que nunca tiveram, mas será isso assim tão importante e útil para o desenvolvimento da sociedade?”.

Afinal as perguntas não acabaram. Mas o próprio não precisa de quem lhe dê respostas. “Não tenho muita dificuldade em afirmar que seria preferível tributar como deve ser estes lucros estratosféricos que existem à escala mundial e canalizá-los para projetos de investigação e desenvolvimento que visam não apenas a resolução de problemas sociais da humanidade, mas também o desenvolvimento tecnológico, em vez de permitir estes níveis de desigualdade escandalosos que temos a nível mundial.” Porque assim, como as coisas estão, o que recebemos em troca? “Viagens de dez minutos à volta da Terra. Tenho muita dificuldade em ver com grande entusiasmo este tipo de projetos.”

Quando fala em tributar lucros estratosféricos, o economista e docente não refere o nome de Bezos, Musk e Richard Branson, mas podia. Nenhum deles é conhecido propriamente pelo seu comportamento exemplar em termos fiscais. Segundo uma [investigação](#) da organização jornalística sem fins lucrativos ProPublica, revelada em junho deste ano, os 25 cidadãos mais ricos dos Estados Unidos pagam menos em impostos — 15,8% do rendimento bruto — do que o trabalhador comum, quando se incluem as taxas para a segurança social e seguro de saúde. O fundador da Amazon e o fundador da Tesla foram incluídos nesse grupo: o primeiro não pagou impostos em 2007 e 2011, e o segundo pagou zero de imposto sobre o rendimento em 2018.



Bloomberg/Getty Images

Daí que não tenham sido poucos os que argumentaram, a respeito destas viagens espaciais, que o problema não é como estes milionários gastam o dinheiro, mas sim como o ganham. “Esta questão tornou-se particularmente relevante no caso da Amazon porque se sabe em que condições trabalham os funcionários da empresa”, com controlo excessivo do trabalho, produtividade e rotinas, em que estão incluídas as idas à casa de banho, e ‘perseguição sindical’, como têm alegado muitos destes trabalhadores. “O contraste entre isso e os lucros dos proprietários dessas empresas é muito escandaloso. Diria, porém, que faz parte de um problema mais global, que é o estatuto quase monopolista que estas empresas têm e as condições de que dispõem para fazer uma gestão fiscal profundamente injusta”, diz Ricardo Paes Mamede. “São várias camadas de injustiça e iniquidades que estão aqui envolvidas. Eles não conseguem quantidades brutais de dinheiro só porque exploram os trabalhadores. Conseguem porque, uns mais do que outros, exploram os trabalhadores, porque não pagam impostos e porque têm posições monopolistas nos mercados onde atuam.”

POUCO ACRÉSCIMO DO PONTO DE VISTA SOCIAL

Apesar da [fé na tecnologia](#), Luís Cabral, economista e professor na Universidade de Nova Iorque, admite que talvez pudesse haver “formas mais úteis” de descobrir novas tecnologias que não através do turismo espacial. “Faz-se muitas vezes aquela defesa de 'ah e tal, sou milionário, ganhei este dinheiro de forma legal, não roubei dinheiro, o dinheiro é meu e eu faço o que eu quiser com ele'. Mas eu acho este argumento errado. Discordo da ideia de que a propriedade privada é um princípio absoluto, em que sou o único que tem de responder por isso. Não é verdade, e ainda menos verdade é quando o meu consumo prejudica os outros”. Se o “meu consumo cria emissões de dióxido de carbono”, continua, “então não sou apenas eu que estou em questão, é o mundo que está em questão”.

“Em termos legais, posso ter o direito de fazer o que quiser com o meu dinheiro, mas não tenho o direito ético. Se em vez de dar 250 mil dólares para um fundo de ajuda na África do Sul, onde há enormes conflitos sociais, eu vou fazer uma viagem ao espaço só porque é a experiência da minha vida, acho que há aí um problema ético.” O turismo espacial, diz ainda o economista, “cria valor privado para Musk e para Bezos”, mas “isso não corresponde necessariamente a muito valor social”. “O que ganha a sociedade se 40 milionários forem ao espaço? Não muito. Bezos ganha muito, Musk também, mas trata-se apenas de uma transferência de recursos entre milionários. Do ponto de vista social, não tem grande acréscimo de valor”.

Também Mónica Truninger, socióloga e investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-Lisboa), na área do ambiente, território e sociedade, tem dificuldades em ver o retorno social do turismo espacial em concreto. “Não existe muita evidência de que possa haver no

futuro uma distribuição equitativa do capital acumulado pela indústria do turismo espacial, se tivermos em conta o que se passa já nas nossas sociedades profundamente desiguais e também nos próprios modelos de negócio de alguns destes empreendedores.” Os sistemas económicos, políticos e jurídicos dos países dominantes no setor espacial, continua a investigadora, “acabarão por ditar como governar e desenvolver as atividades no espaço, havendo um claro desequilíbrio de poderes”. “É provável que o turismo espacial acentue ainda mais estas desigualdades sociais e de poder geoestratégico, mesmo que se esconda sob uma narrativa de democratização, massificação e descentralização do acesso ao espaço”.

“Não termos ainda conseguido fazer esse equilíbrio hoje em dia na Terra, por exemplo no campo dos acordos para diminuir as emissões de gases com efeito estufa e mitigar as alterações climáticas, não augura nada de bom que se consiga fazer isso no futuro, em relação ao espaço.”

Segundo Mónica Truninger, “alcançar um contexto de equidade espacial iria exigir acordos globais que garantissem a distribuição justa dos benefícios e a implementação de requisitos legais rigorosos que limitem o poder destas empresas.” Mas os atuais desenvolvimentos vão exatamente no sentido contrário, defende. “Tem-se facilitado cada vez mais a comercialização do espaço e a sua privatização sem grande regulação global, através de acordos globais sobre as atividades espaciais ratificados pelos países dominantes no setor industrial do espaço. Não termos ainda conseguido fazer esse equilíbrio hoje em dia na Terra, por exemplo no campo dos acordos para diminuir as emissões de gases com efeito estufa e mitigar as alterações climáticas, não

augura nada de bom que se consiga fazer isso no futuro, em relação ao espaço.”

“TUDO APONTA PARA QUE ESTE SETOR VÁ AGRAVAR AINDA MAIS O PROBLEMA DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS”

E por falar em ambiente e alterações climáticas, eis uma perspetiva que [destoa das outras que foram partilhadas](#). “Numa altura em que precisamos de uma redução drástica das emissões de gases com efeito estufa para mitigar as alterações climáticas, aparecer uma indústria cujo contributo para este esforço vai exatamente no lado oposto é de uma enorme irresponsabilidade”, critica Mónica Truninger. E é-o sobretudo porque a “ambição dos empreendedores do turismo espacial é a de aumentar ainda mais este setor no futuro, com mais voos suborbitais”, crescimento este que será “proporcional ao aumento do buraco do ozono”. “Mesmo com o avanço tecnológico que a indústria do turismo espacial possa proporcionar com a maior otimização e eficiência energéticas, mesmo que consiga desenvolver energias mais limpas, não há tempo para esperar por esse desenvolvimento e aplicação na Terra.” O tempo é curto, reforça, “e tudo aponta para que este setor vá agravar ainda mais o problema das alterações climáticas, antes de trazer o desenvolvimento tecnológico que tente minorar esses impactos”.



Pool/Getty Images

A vida profissional de Paulo Gil, professor de Mecânica Aplicada e Aeroespacial no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, faz-se destas coisas, como o próprio diz. Faz-se do interesse pelas coisas que voam, pelos helicópteros ou aeronaves robotizadas, pelos foguetões e satélites, e do entusiasmo pelo espaço, o que lá há e como é que isso nos pode ser útil. “Mas é preciso reconhecer que o mundo tem um problema”. Refere-se ao aquecimento global, “que tem de ser resolvido nos próximos dez anos”, e apesar das tentativas destes milionários para serem tão verdes quanto possível (não, neste caso não é só uma disputa infantil), a verdade é que não o são totalmente, aponta o investigador.

“Estas viagens são, em geral, muito poluentes. Estão associadas a muitas emissões que inevitavelmente são de dióxido de carbono ou de gases com efeito de estufa.” O foguete da Blue Origin distingue-se dos outros porque utiliza hidrogénio e oxigénio líquidos, “que, se produzidos através de fontes verdes, podem ser relativamente verdes”. No entanto, tem também “um pequeno motor de propulsão sólida, o que significa que acaba por emitir outro tipo de partículas que podem ser nocivas para a atmosfera”. “Ou seja, não é completamente verde.” Mónica Truninger lembra que Richard Branson, dono da Virgin Galactic, anunciou logo “investimentos na reflorestação para aumentar o sequestro de carbono e assim diminuir a pegada ecológica destes voos”. Porém, nota, “sabemos que muitos destes programas de reflorestação não funcionam bem e são injustos para as comunidades locais.”

Até Paulo Gil, cuja vida se faz destas coisas, diria que apostar no turismo espacial “não é a melhor forma de gastar o dinheiro”. “Considero que ir ao espaço é uma necessidade de sobrevivência, mas não com aquele propósito. Não deve ser uma coisa de massas, porque a Terra não aguenta. Temos os sistemas ecológicos no limite, portanto só devíamos ir ao espaço por

razões realmente importantes.” E há algumas que não merecem esse rótulo. “Talvez o turismo espacial não deva ser uma prioridade.” O espaço, continua, “é algo muito complicado e muito dispendioso”, mas também “permite ganhar muito dinheiro”.

“Quando temos pessoas a perseguir apenas os seus interesses próprios, é meio caminho andado para que as coisas corram mal. Pode ser racional para mim ir ao espaço e ganhar dinheiro, mas não é racional para a humanidade eu deixar que haja pessoas a ir ao espaço, porque isso vai destruir o ambiente.” A questão que se coloca neste momento é a de que “estamos a lutar pela sobrevivência”, diz. “Já não é só deixarmos que Bezos seja a pessoa mais rica do mundo. É pensar que se permitirmos isso, todos nós, como humanidade, e os nossos filhos, podem vir a sofrer por causa disso. O nosso destino está ligado ao dele.”